ÍNDICE

PREFÁCIO.....3

Capítulo I – Uma dinastia na Campanha Gaúcha.....7

Capítulo II – Mais um amor proibido dentre tantos.....32

Capítulo III – Ruptura necessária, porém temporária.....63

Capítulo IV – Reencontro transformador.....85

Capítulo V – Dois mundos se chocam.....105

Capítulo VI – A vitória do amor sobre a opressão.....123

Capítulo VII – Driblando a tentação da infidelidade.....145

Capítulo VIII – Os dois desafios do seminarista.....163

Capítulo IX – O Solano que poucos conheciam.....181

Capítulo X – Da rivalidade a uma grande amizade.....202

Capítulo XI – Gravidez de um lado, esterilidade do outro.....223

Capítulo XII – A Liga dos Rouxinóis.....249

Capítulo XIII – Hospedando anjos e nascendo de novo.....280

Capítulo XIV – A última grande prova de amor.....317

Capítulo XV – Reescrevendo a história de uma família.....347

GLOSSÁRIO.....376

PREFÁCIO

Em 26 de setembro de 2011, quando eu ainda divulgava meu segundo livro, **"Ascensão e queda de Taikun Kuromori"**, a Rede Globo estreou a telenovela "A Vida da Gente", ambientada nas cidades gaúchas de Porto Alegre e Gramado. Porém, tais referências ao Rio Grande do Sul ficaram apenas na geografia, pois parecia que o telespectador estava assistindo mais uma das inúmeras novelas da emissora ambientadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, tanto pela combinação entre sotaque e vocabulário como pela ausência absoluta de referências à cultura gaúcha. Apesar da história de Lícia Manzo aproximar-se muito do formato de novela-crônica consagrado por Manoel Carlos, não havia nenhum chimarrão, nenhum "Bah!", muito menos um "tchê". Achei isso um desrespeito terrível contra um povo cuja história e cuja cultura são riquíssimas e merecem ser melhor exploradas em obras de ficção.

Assim que a referida novela terminou, em 2 de março de 2012, em pleno trabalho de divulgação de minha terceira obra literária, **"A ruiva do violão"**, comecei a amadurecer a idéia de escrever um quarto livro, que seria quase totalmente ambientado no Estado do Rio Grande do Sul (salvo

por algumas páginas cujo cenário é Sorocaba/SP, minha cidade natal), principalmente em Santana do Livramento, onde se passaria a parte rural da história, e em Porto Alegre, cenário da maioria das cenas urbanas do romance. Surge, assim, o livro **"O juramento do Cerro de Palomas"**.

Esta quarta história de ficção assume um caráter épico, semelhante à obra-prima de Érico Veríssimo, "O Tempo e o Vento", que fiz questão de homenagear em algumas menções. O próprio protagonista deste livro, Rodrigo Bento Manzano, foi criado em alusão ao personagem mais conhecido da primeira parte ("O Continente") da obra citada de Érico, o Cap. Rodrigo Severo Cambará, embora com um perfil bem diferente do marido mulherengo de Bibiana Terra Cambará. Além de estar repleta de referências à cultura gaúcha, toda a presente obra foi escrita no vocabulário da região, inclusive na narração, levando o leitor a entrar de cabeça na história (se o linguajar gaúcho parecer grego para você, não se preocupe, pois fiz questão de incluir um Glossário no final).

Neste livro, Rodrigo é o herdeiro da Estância Alazão Haragano, uma fazenda de criação de gado dos pampas gaúchos, e integrante da sétima geração de uma família de estancieiros cujo patriarca foi o uruguaio Cipriano León Manzano, que se estabeleceu na região logo depois do final

da Guerra dos Farrapos. Os herdeiros subseqüentes formaram uma dinastia que preservava rigorosamente não apenas as tradições pampeiras, mas também alguns costumes familiares que permaneceriam quase intocáveis até a morte de Antônio Bento Manzano, tataraneto de Cipriano. É que Antônio, com remorso por ter rejeitado sua filha mais velha, a feminista Luciana Prado Manzano Pedreira, em favor de seu único filho homem, o machista José Bento Manzano, acaba repartindo, em seu testamento, a estância em partes iguais para ambos os filhos, dando início a uma interminável guerra familiar entre Luciana e José Bento. Em meio a tudo isso, Rodrigo, primogênito de José Bento, apaixona-se por Vera Galeano Lousada, filha do capataz Eduardo Santarém Lousada com a ex-prostituta Terezinha Galeano Lousada, embora Rodrigo fosse prometido à pré-adolescente Júlia Bastos Montes, filha do vinicultor Luís Guilherme Cisterna Montes.

Além do conflito entre a tradição e a modernidade, da inimizade entre os irmãos José Bento e Luciana e do amor proibido entre Rodrigo e Vera, o livro também trata de vários outros temas à medida que os demais personagens entram na história, como é o caso do pastor negro Lúcio Barbosa Primo e seus familiares, em especial seu filho Habacuque Fonseca

Primo, que acabam sendo vítimas de racismo por parte de Luís Guilherme. Mas a aparição mais surpreendente é a de Fátima Costa Gaudério, que entra na história como uma jovem porto-alegrense que sente uma paixão incontrolável por Rodrigo e cuja importância na narrativa cresce a tal ponto dela assumir um papel essencial no desfecho – mais surpreendente ainda – do romance. Para completar, como uma espécie de "cereja do bolo", as participações especiais dos protagonistas de **"Espelho Côncavo"**, **"Ascensão e queda de Taikun Kuromori"** e **"A ruiva do violão"**, meus três livros anteriores.

Portanto, o propósito desta presente obra, além de divulgar a cultura, a história, as particularidades regionais e até as peculiaridades do rico vocabulário do Rio Grande do Sul, é apresentar o Evangelho de Jesus Cristo de uma maneira mais assimilável aos leitores. Que Deus faça sua obra nas vidas de todos aqueles que lerem este humilde trabalho e que toda honra, glória e louvor sejam dados ao Senhor Jesus, seja qual for a repercussão deste livro.

PAULO MARTINS DE OLIVEIRA BELO

Obs.: os textos bíblicos aparecem em fonte Arial *e foram todos extraídos da Bíblia On Line (http://www.bibliaonline.com.br/ - Almeida Corrigida e Revisada Fiel). O texto em português segue o padrão anterior ao da Reforma Ortográfica de 1990.*

Capítulo I – Uma dinastia na Campanha Gaúcha

Estamos no longínquo dia 19 de setembro de 1835. Na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Cipriano León Manzano, um uruguaio de apenas 22 anos que trabalhava como capataz duma charqueada localizada em Sant'Ana do Livramento, então pertencente ao município de Alegrete, de repente se via como soldado ao lado das tropas farroupilhas que lutavam ao lado de Bento Gonçalves da Silva e tentavam, a partir de Pedras Brancas (atual município de Guaíba), tomar Porto Alegre. Dez anos antes, a família de Cipriano havia saído da outrora Província Cisplatina para fugir da Guerra da Cisplatina e refugiar-se numa das várias fazendas do Sul do Império do Brasil que criavam gado para produção de charque. O rapaz logo ganhou a confiança do dono da propriedade e ofereceu-se como voluntário para lutar ao lado dos farroupilhas na Guerra dos Farrapos, que tentavam tomar a capital da Província e destituir seu então presidente Fernandes Braga.

Por seus incontáveis atos de bravura durante os quase dez anos da Revolução Farroupilha, Cipriano recebeu as patentes de sargento, tenente e, finalmente, capitão. Ao fim do conflito, os estancieiros resolveram premiar

o ainda jovem Cap. Cipriano com uma sesmaria de terra, alguma gadaria e um punhado de escravos na mesma Sant'Ana do Livramento. A valentia do uruguaio faria com que o mesmo fosse conhecido pela alcunha de Alazão Haragano, que também passaria a ser o nome da estância administrada pelo rapaz e cuja casa-grande começou a ser construída no mesmo ano de 1845. Excelente negociante, Cap. Cipriano acaba enriquecendo rápido e se envolve tanto com a lida diária com os bois que nem tem tempo de pensar em mulher: negaceia todas as propostas de casamento de seus colegas estancieiros e, durante as conduções das tropas para venda do gado, nem mesmo acompanha seus homens durante as passagens deles pelos chineiros, limitando-se a contabilizar seus ganhos com os bois ou mesmo a dormir. Na verdade, o uruguaio queria mesmo era casar-se por amor e ainda não havia encontrado ninguém à altura dele.

Em 1852, logo após lutar ao lado dos brasileiros durante a Guerra do Prata, Cipriano, agora elevado ao posto de major, conheceu Maria Cristina Silveira Nunes, viúva dum soldado morto em combate no Uruguai, e decide levá-la à Estância Alazão Haragano. Um ano depois, Maj. Cipriano pede Maria Cristina em casamento e ambos se casam em 23/04/1854. Em 18/01/1855, nasce o primeiro filho do uruguaio, que decide chamá-lo de

Fernando Bento Manzano em homenagem ao primeiro marido de Maria Cristina, Fernando Castilho Nunes, e a seu maior ídolo, o herói farroupilha Bento Gonçalves. Assim que o menino foi batizado pelo pároco de Livramento, com a criança nos braços, Maj. Cipriano levantou o filho acima de sua cabeça e exclamou:

– Ó grande caudilho Bento Gonçalves! Onde quer que estejas, abençoa esta criança! Diante de nosso Senhor e da virgem Maria, eu te juro que todos os primeiros filhos homens que este menino e seus descendentes tiverem levarão teu nome e herdarão teu brio! Que assim seja e que esta promessa se cumpra para sempre na família Manzano!

"Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6); *"Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem"* (I Timóteo 2:5).

O tempo passou e todos os primeiros filhos homens das gerações subseqüentes da família Manzano, todos nascidos no mesmo quarto da casa-grande da Estância Alazão Haragano, receberam o nome do líder revolucionário gaúcho. Em 1882, nasceu Carlos Bento Manzano; em 1912, veio ao mundo Pedro Bento Manzano; em 1936, foi a vez de Antônio Bento

Manzano; em 19 de março de 1964, nasceu José Bento Manzano; e em 1987, na noite do dia 14 de abril, Maria Luíza Aires Manzano, esposa de José Bento, gemia no quarto que continuava sendo a maternidade da família 132 anos depois.

José Bento conhecera Maria Luíza em Bagé, cidade onde ela nascera em 12/10/1967, durante a Semana Farroupilha de 1985 e fizera questão de pedir a mão da moça aos pais dela, uma rica família daquela cidade que, assim como José Bento, também amava as tradições gaúchas. Maria Luíza era uma guapíssima loira de cabelos longos e lisos, olhos verdes, 1,70 m de altura. Ambos se casaram em janeiro de 1986, mas Maria Luíza só conseguiu engravidar em julho daquele ano por causa de problemas com a menstruação, corrigidos mediante um tratamento para fertilidade. Mesmo com a insistência da ginecologista da moça em transferir a parturiente para a Santa Casa de Santana do Livramento, o marido dela bateu o pé e exigiu que o filho nascesse no mesmo local de todos seus ancestrais.

Naquela noite, enquanto ouvia os gritos de Maria Luíza, José Bento andava nervosamente para lá e para cá na sala da casa-grande. Aquele jovem de então 23 anos, um moreno de cabelos castanho-escuros curtos e

ondulados, olhos castanho-escuros e 1,83 m de altura, pertencia à sexta geração da família Manzano. Trajava a indumentária de sempre: chapéu de couro com aba larga e barbicacho, lenço vermelho no pescoço, colete cinzento, camisa branca, bombacha cinzenta, tirador de couro marrom-claro e botas de couro marrom-escuro, além de guaiaca e rebenque da mesma cor do tirador. Mesma roupa de seu pai, Antônio Bento, um homenzarrão de 51 anos, que estava um pouco acima do peso e tinha cabelos e grossos bigodes bem grisalhos. Somente as mulheres estavam na suíte onde Maria Luíza tentava parir; entre elas estava Rosália Torres Prado Manzano, esposa de Antônio Bento, que nascera em Uruguaiana em 04/09/1944. Morena de cabelos castanho-escuros longos e ondulados, olhos castanho-escuros, 1,69 m de altura, Rosália atuava também como parteira da família e naquele momento era ajudada pela filha mais velha, Luciana Prado Manzano Pedreira, nascida naquele mesmo quarto em 01/06/1963. Morena de cabelos castanho-escuros médios (na altura do pescoço) e ondulados, olhos castanho-claros, 1,68 m de altura, Luciana acabara sendo criada apenas pela mãe, pois fora rejeitada pelo pai desde o nascimento pelo simples fato de ter nascido mulher.

Sentado na cadeira de balanço, Antônio Bento formava uma roda

com outros fazendeiros das redondezas, na qual o chimarrão passava de mão em mão, sempre pela direita. O cevador era o genro de Antônio Bento, o ex-jornalista Alexandre Soriano Pedreira, um grandalhão de 1,94 m de altura, nascido em Viamão em 06/12/1960, de cabelos loiro-escuros curtos e lisos, olhos castanho-claros, barba e bigode loiro-escuros. Após fechar o mate, segurando a chaleira com água quente com o lado de laçar (direito) e a cuia com o lado de montar (esquerdo), Alexandre entorna o líquido no buraco formado pela bomba dentro do mate, muda a cuia para a mão direita e, após chimarrear um pouco, passa o recipiente para o sogro pelo lado direito. Todos na roda mateavam tranqüilamente e, assim que o último na roda roncou a cuia, Alexandre voltou a encher o recipiente de água quente. Já incomodado com a ansiedade do filho, Antônio Bento tentava acalmá-lo:

– Por que não amargueias conosco, filho? Por que estás tão cestroso?

– Eu gostaria de estar lá com ela! – Afligia-se José Bento. – Soube de um hospital que permite que os pais acompanhem o alumbramento de seus filhos nas salas de parto! Só impedi que a ginecologista da Maria Luíza a levasse para lá em respeito ao senhor!

– Mas aqui não é hospital, José! Além disso, isso acontece nesta

casa há 132 anos e nunca nenhuma gestante bateu a canastra enquanto paria!

Em cima do laço, chega o Pe. Aureliano Massaro, que Antônio Bento mandara chamar para que batizasse o piazinho assim que nascesse. Todos já sabiam que o bebê seria um guri, pois, apesar de ser tão avesso à modernidade, o estancieiro permitiu que levassem a nora a um moderno hospital da região para que Maria Luíza fosse submetida a um ultra-som. Todos na roda de chimarrão se levantaram em sinal de respeito e José Bento, curvando-se e beijando a mão do pároco, disse ao sacerdote:

– Loco de bueno que o senhor veio, Pe. Aureliano! Minha prenda não pára de gritar. Acho que está por poucos segundos.

– Buenas, padre! Vem matear conosco! – convidava Antônio Bento, novamente abancado. E, dirigindo-se a seu mais fiel capataz, que trouxera o padre da cidade: – Aprochega-te também, Eduardo! Entra na roda para gerveares conosco!

Eduardo Santarém Lousada era o braço-direito de Antônio Bento. Nascera em São Miguel das Missões em 12/07/1969 – portanto, tinha apenas 18 anos, mas adquirira tão alto posto entre os empregados da estância como forma de homenagem a seu pai, falecido meses antes por ter

recebido um aspaço dum boi durante um aparte na mangueira. Moreno de cabelos curtos e castanho-escuros, olhos azuis, 1,75 m de altura, era como um irmão para José Bento e sempre o acompanhava nas campeadas e repontadas. Antes mesmo de sentar-se na roda para tomar o mate, Eduardo, que tinha uma excelente audição, ouve o choro dum bebê:

– Patrão, acho que nosso qüera já nasceu!

Todos se posicionam diante da suíte, esperando ansiosamente que alguma das mulheres abra a porta contando a alvíssara. Pe. Aureliano pega a água benta de sua bolsa para aspergir o piá pouco antes do batismo. Minutos depois, já recomposta após realizar o parto, Rosália abriu a porta e anunciou, com um misto de cansaço e alívio:

– O guri nasceu forte e com saúde, graças a Deus. Esperai um pouco até que ele dê a primeira mamada.

Assim que Maria Luíza amamentou a criança, os homens entraram, tornando minúsculo aquele enorme e centenário aposento. A bacia de aço já estava cheia d'água para o padre batizar o menino. Iniciava-se ali uma pequena missa, no final da qual o Pe. Aureliano finalmente pegou água da bacia com uma caneca e entornou o líquido na cabeça do pequeno vivente. Ao saber o nome escolhido para o infante, o pároco disse:

– Rodrigo Bento Manzano, pelos poderes a mim conferidos pela Santa Madre Igreja, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo! Amém!

Terminado o batismo, repetindo o gesto de seus ancestrais, José Bento, fazendo certo esforço para lembrar as palavras ditas pela primeira vez pelo Maj. Cipriano mais de cem anos antes e que seu pai lhe repetira inúmeras vezes antes daquele momento, levanta o bebê acima de sua cabeça e profere o tradicional juramento:

– Ó grande caudilho Bento Gonçalves! *(pausa)* Onde quer que estejas, *(pausa)* abençoa esta criança! Diante de nosso Senhor e da virgem Maria, *(pausa)* eu te juro que todos os primeiros filhos homens que este menino *(pausa)* e seus descendentes tiverem *(pausa)* levarão teu nome e herdarão teu brio! Que assim seja e *(pausa)* que esta promessa se cumpra para sempre na família Manzano!

– Amém! – exclamaram todos os que estavam à volta de José Bento.

"Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis; nem pelo céu,

porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei; nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna" (Mateus 5:33-37).

Depois dos cumprimentos de praxe aos pais da criança, todos os homens foram à sala, como se esperassem ansiosamente por algo ainda melhor. Eduardo, que descera ao piquete logo após a abertura da porta da suíte, voltava esbaforido para dentro da casa da estância e dizia a Antônio Bento:

– Os pingos já estão todos encilhados, patrão!

Faceiros, todos os homens dirigem-se ao piquete para tirarem os cavalos da soga, com exceção do Pe. Aureliano, que se limita a sacudir negativamente a cabeça e levantar as mãos aos céus. Assustada, Luciana indaga à mãe:

– Eles vão aonde estou pensando, mamãe?

– Sim, minha filha – confirma uma resignada Rosália. – Vão ao

Chineiro das Rosas.

– Quer dizer que eles mal saem duma missa e já vão com essa alegria toda para aquela ante-sala do inferno? Que absurdo! – Revolta-se Luciana.

– Fala baixo! Eles podem ouvir-te!

– Mas isso é o cúmulo da hipocrisia, mamãe! A senhora não fará nada para impedir?

– E correr o risco de levar um manotaço de teu pai? Luciana, sempre foi assim desde 1928, quando teu bisavô permitiu que aquela rapariga adquirisse uma gleba ao lado de nossa invernada. A única que tentou acabar com isso foi tua avó paterna, mas ela quase morreu de tanto levar guasqueaços do velho Pedro Bento. Teu pai ameaçou fazer o mesmo comigo se eu me opusesse à viração nestas terras.

– Até quando, mamãe? – queixava-se Luciana, quase chorando. – Até quando nós, mulheres, teremos que viver debaixo de tanta tirania? Tantas prendas usando pilchas modernas pelas estâncias ao nosso redor e nós tendo que usar esta fantasia constantemente! Tantas mulheres trabalhando e estudando na cidade grande e nós aqui, presas nesta estância!

Até quando deixaremos de ter vez e voz nesta família, tendo que obedecer a nossos maridos em tudo, enquanto eles caem na boemia? Até quando devemos assistir caladas a tudo isto? Até quando, mamãe?!

– Um dia as coisas mudarão, minha filha. Sinto isso porque teu irmão me parece bem mais relevante em muitas coisas. Ele faz todas as vontades do pai dele porque sempre foi fiel a nossas tradições, mas a personalidade dele é bem diferente da de seus ancestrais.

– E se ele não mudar, mamãe? E se esta ditadura machista continuar?

Rosália pôs carinhosamente as mãos sobre os ombros da filha, enxugou uma lágrima que escorria pela face de Luciana, abraçou sua primogênita e lhe garantiu:

– Se eu viver até teu irmão assumir esta estância, farei tudo o que estiver a meu alcance para que, por meio dele, as coisas comecem a mudar por aqui. Dou-te minha palavra.

Alexandre, marido de Luciana, conhecia bem a personalidade independente e os ideais feministas de sua esposa. Outrora repórter dum jornal de Porto Alegre, arrastara a asa para Luciana depois de fazer uma

reportagem sobre o turismo rural, casara-se com ela e passara a morar para fora em 1983. Ele e Luciana eram pais de Henrique Manzano Pedreira, um piazinho de cabelos loiro-escuros curtos e ondulados e olhos castanho-escuros, nascido na Estância Alazão Haragano em 19/11/1984 e que, com quase três anos, era xucro e mal dava sossego aos pais, tios e avós. Alexandre nunca teve coragem de repreender sua esposa por sua rebeldia, pois a amava e, no fundo, compadecia-se dela. Mesmo assim, para ganhar a confiança do sogro, acabava acompanhando-o até o chinaredo todas as vezes em que ele resolvia deliciar-se com as meretrizes que ali trabalhavam.

No Chineiro das Rosas, administrado pela cafetina argentina Isabelita Terremoto, Antônio Bento, José Bento e seus cupinchas se divertiam com as chinas. Uma delas chamou a atenção de Eduardo: Terezinha Galeano. Morena de cabelos pretos, longos e ondulados, olhos castanho-escuros, 1,73 m de altura, Terezinha nascera naquele mesmo local em 01/10/1972 e, mesmo com 14 anos e meio de idade, já vendia o próprio corpo em troca de dinheiro. Eduardo nunca havia ido àquele local antes e a guria logo gostou dele:

– Daí, tchê! Que tal? Penso que é a primeira vez que vens aqui. És mui guapo, guri!

– Gracias, guria – respondeu Eduardo, que fazia um esforço tremendo para não afogar-se com a fumaça do cigarro que a rapariga tragava. – Estou aqui apenas para acompanhar meu patrão.

– Não queres ir até meus aposentos?

– Não sei se estou preparado para isso...

– Contigo será diferente. Tens minha palavra. Vem comigo e logo o verás.

Terezinha logo percebeu que o jovem capataz nunca passara no pelego antes. Por isso, aproveitou ao máximo os quarenta e cinco minutos que tinha direito para atender a seus clientes – a fila era grande – para charlar com Eduardo. Ambos conversaram sobre si, seus sonhos, projetos... Isso se repetiu todas as vezes e ninguém desconfiava de nada, pois a guria sempre realizava seu nefasto trabalho em silêncio.

Os meses se passaram. Na noite de 12 de fevereiro de 1988, quando os qüeras se preparavam para mais uma noite de orgia no Chineiro das Rosas, Eduardo surpreendeu Antônio Bento com o seguinte pedido:

– Patrão, perdoe-me pela ousadia, mas eu gostaria de fazer um pedido ao senhor.

– Podes falar, tchê! Sabes que és como um filho para mim. Pede-me o que quiseres.

– Estou de rédeas no chão por uma rapariga daquele chineiro. Aquela bem jovem, a mais jovem de todas.

– A Terezinha?

– Sim. Peço a ajuda do senhor para tirá-la de lá. Eu gostaria de retê-la para mim como minha prenda.

Chegando ao bordel, enquanto os demais viventes vindos da estância se divertiam, Antônio Bento e Eduardo foram direto atrás de Isabelita, que os recebeu no balcão do estabelecimento, que também funcionava como bolicho:

– Hombres, ¿qué quieren? ¿Desean un aguardiente antes de más una noche de plazer? (Homens, o que querem? Desejam um aguardente antes de mais uma noite de prazer?)

– Vamos direto ao assunto – introduzia Antônio Bento, com a voz firme. – Eduardo, meu mais fiel capataz, o guri que come à minha mesa mesmo sem ser meu filho, está enamorado da Terezinha e deseja levá-la consigo para juntar os pelegos com ela. Quanto queres para que possamos

tirá-la de teu chineiro?

– Pero no puedo disponerme de Terezinha... ¡Ella nos cuesta mucho! ¡Es la china predilecta de la mayoría de los gauchos que aquí vienen! (Mas não posso dispor-me de Terezinha... Ela nos custa muito! É a china predileta da maioria dos gaúchos que aqui vêm!)

Terezinha, que acabava de atender a um cliente, acendeu um cigarro e, ao ver Antônio Bento tirar uma baita quantia de dinheiro de sua guaiaca, postou-se atrás da cafetina portenha, a certa distância, tentando acompanhar a negociação sem ser notada. Mesmo assim, Eduardo conseguiu vê-la e ambos trocaram sorrisos. Em seguida, o estancieiro prosseguiu:

– Pede-me o quanto quiseres.

– ¿Qué tal todo el dinero que usted tiene? (Que tal todo o dinheiro que o senhor tem?)

– Mas são quase cem mil cruzados!

– O eso o Terezinha no sale. (Ou isso ou Terezinha não sai.)

Contrariado, Antônio Bento dá toda a pila a Isabelita, que se vira e logo se depara com Terezinha, que no momento trajava miniblusa azul-clara

sem mangas e com o umbigo exposto, corpinho na cor da pele, calção branco bem curto e chinelos brancos de dedo, além repousar um hibisco vemelho – mesma cor de seu batom – sobre a orelha esquerda. A argentina, com as mãos cheias de dinheiro e os olhos cheios d'água, revela à eufórica ninfeta:

– Ellos han venido llevarte. Aquel chico que siempre se acuesta contigo está enamorado de ti. Vete pronto y sé feliz. (Eles vieram para levar-te. Aquele guri que sempre se deita contigo está enamorado de ti. Vai-te logo e sê feliz.)

Depois de abraçar Terezinha aos prantos, Isabelita foi para seu quarto com a pila e a guria lançou-se aos braços de Eduardo. Nitidamente contrariado, Antônio Bento chorou as pitangas:

– Deixaste-me quase matando cachorro a grito por causa dessa rapariga, guri! Cuida bem dela e casa-te com ela o mais rápido possível!

Como a china adolescente estava com pouca roupa e a noite estava fria, Antônio Bento tirou um bichará de dentro da bruaca pendurada em seu pingo rosilho e o vestiu em Terezinha, que colocou seus pertences no lombo do flete zaino trazido especialmente para ela, colocou o pé esquerdo quase descalço no estribo e montou no animal para ir, triunfante, à casa-grande.

Quando ela chegou, Rosália torceu o nariz, mas não teve coragem de dizer palavra. Já Luciana recebeu muito bem a nova moradora daquela residência:

– Sê muito bem-vinda a esta casa, guria! Papai, peço ao senhor que me permita escolher minha melhor pilcha para essa jovem sair amanhã cedo comigo e com Alexandre cedo para o Centro de Livramento, precisamos comprar roupas novas para ela. Não é, meu marido?

– S-Sim, minha prenda... – gaguejava Alexandre.

– Permissão concedida – respondeu um resignado Antônio Bento.

Na manhã do dia 13 de fevereiro, Alexandre, Luciana e Terezinha foram de carro ao Centro de Santana do Livramento para comprarem roupas femininas. Como a agora ex-china permaneceria na casa-grande até o casamento, quando passaria a morar na casa onde Eduardo morava na colônia dos empregados da estância, a filha de Antônio Bento teve que comprar quatro pilchas típicas para sua nova amiga, mas em seguida os três foram até a Avenida João Pessoa para cruzarem a fronteira com o Uruguai e comprarem roupas modernas e livres de impostos na cidade vizinha de Rivera. Voltando ao lado brasileiro da conurbação binacional, já com o porta-malas do carro cheio de roupas e calçados para Terezinha, inclusive uma prenda de noiva, o automóvel de Alexandre parou diante duma

sinaleira e a ninfeta apontou o dedo em direção a um salão com uma fachada com inscrições em chinês:

– Bah, tchê! O que é aquilo?

– É uma academia de *kung fu*, guria – respondeu Alexandre.

– Cungo o quê?

– *Kung fu*, Tere – Luciana acrescentou, já chamando a adolescente pelo apelido para facilitar a pronúncia. – É uma espécie de peleia chinesa.

– Igual àquelas que passam na televisão? Que tri! Nunca vi pessoalmente essas peleias como as que passam pela televisão. Podemos ir até lá para ver?

O carro "quadrado" de Alexandre, fabricado em 1985, pára ao lado da academia. No momento em que os três entram no salão estilizado, cheio de motivos chineses, fotos, armas e ideogramas, o mestre Shang Myongwu, rodeado por alunos sentados, realiza um talagaço *Hok Chuei* (bico-de-garça) na boca do estômago de seu oponente logo depois dele tentar atacá-lo usando o estilo garra-de-águia. Após levantar seu dolorido aluno, o mestre se posicionou na frente dele, pôs sua mão direita fechada sobre a palma da mão esquerda aberta, encostou ambas as mãos sobre o peito e curvou-se,

fazendo a famosa saudação *Kin Lai* (sol-lua). Todos aplaudiram, inclusive os três visitantes; Shang deu um intervalo para seus alunos irem à patente e tomarem água e Terezinha, com Alexandre e Luciana logo atrás dela, foi atrás do chinês:

– Parabéns, tchê! Trilegal esta academia! Quanto custa lutar aqui?

– Apenas dez mil cluzados por mês, minha jovem – respondeu o mestre, que misturava seu sotaque oriental com o paulistano. – Será um plazer tê-la conosco. Temos aulas todos os dias, mas se você quiser vir apenas nas manhãs de sábado, ainda temos tlês vagas.

– Será que podeis trazer-me aqui todos os sábados? – Indagava Terezinha, dirigindo-se a Luciana e Alexandre. – Achei este lugar bem macanudo!

– Sabes, Tere... – tentava argumentar um indeciso Alexandre. – Aqui fica longe da estância, fica meio complicado vir para cá todos os sábados...

– Pois eu acho uma idéia triempolgante! – opinava Luciana, como se houvesse tido a melhor idéia de sua vida. – Por mim não somente trazemos a Tere para cá todo sábado, como também nós mesmos poderemos

matricular-nos neste curso. Trinta mil cruzados não é tanta coisa para nós. Que pensas, querido?

Depois de relutar por alguns segundos, Alexandre entregou as fichas à sua prenda e à guria que os acompanhava e decidiu matricular os três no curso de *kung fu* da academia do mestre Shang. Eles teriam que inventar algum despiste para que os três fossem ao Centro de Livramento todas as manhãs de sábado "a negócios". Como Terezinha se casaria no sábado seguinte e a lua-de-mel duraria apenas quatro dias, com a adolescente e Eduardo voltando de Piratini – onde o capataz de Antônio Bento tinha parentes – no dia 26 de fevereiro, os três começariam as aulas daquela arte marcial chinesa na manhã do dia 27. Mal sabiam eles que essa artimanha seria de grande valia para os três nos anos seguintes...

Uma semana depois, na tarde do dia 20 de fevereiro de 1988, a invernada da Estância Alazão Haragano estava toda enfeitada para o casamento, com o gado que ali pastava devidamente embretado. Homens e mulheres trajavam suas melhores pilchas. Entre as testemunhas, Antônio Bento, José Bento, Alexandre e os outros homens usavam camisas vermelhas, cinturões pretos, bombachas brancas, botas pretas e lenços brancos no pescoço; as mulheres usavam vestidos vermelhos com babados

brancos, faixa branca na cintura e presilhas nas melenas em forma de flores brancas. Músicos vindos de Santa Rosa tocavam no evento, com destaque para o acordeom. Eduardo, que trajava camisa branca, lenço encarnado, colete preto, bombacha preta e botas pretas, entrou sozinho, logo atrás dos padrinhos. Seus pais, que ainda viviam em São Miguel das Missões, estavam presentes e muito faceiros. A noiva, vestindo uma pilcha inteiramente branca e tendo flores do campo prendendo seus longos cabelos negros, além de um buquê de flores do campo em suas mãos, chegou num carro de boi e entrou também sozinha atrás de um casal de guris, com as mulheres no lado de laçar e os homens no lado de montar. Eduardo, recebendo sua noiva à frente, beijou-lhe uma das mãos e a conduziu para junto do Pe. Aureliano, que fez o tradicional discurso de estímulo para que os noivos se unissem para sempre por meio do amor verdadeiro, além de fazer o casal repetir os respectivos compromissos conjugais e trocar as alianças douradas.

Na hora da festa, muita dança: balaios, canas-verdes, chimarritas, chulas, roseiras, tiranas do lenço. Quase uma hora depois, quando os recém-casados terminavam uma chimarrita debaixo de aplausos, Terezinha levantou uma das mãos e começou a discursar:

– Um momento, por favor! Eu gostaria de chamar a atenção de todos vós para aquele que considero um dos maiores momentos desta festa, senão o maior!

Luciana chega para junto dos dois com um punhal e dois lenços brancos. José Bento indaga ao pai:

– O que essa china está pensando em fazer?

– Nem imagino – afligiu-se um temeroso Antônio Bento. – Espero que ela não cometa nenhuma loucura.

Com o punhal na mão esquerda levantada e os lenços repousando sobre seu ombro direito, Terezinha prosseguiu:

– Meus paisanos, o que eu e meu marido Eduardo faremos agora é um costume muito antigo que uma de minhas antigas colegas de profissão aprendeu na região de onde ela havia vindo. Por meio dele, quero selar para sempre a união entre mim e o jovem gaudério com o qual estou me casando nesta tarde!

Todos se assombram com a cena que se desenrola a seguir. Terezinha pega o punhal e abre um talho diagonal ao longo da palma da mão direita. Várias mulheres viram o rosto; diversas mães tapam os olhos

de suas crianças. A la pucha, Antônio Bento comenta a meia voz com o filho:

– Essa rapariga está com o estribo frouxo!

Com o sangue escorrendo pelo braço direito, Terezinha passa o punhal para Eduardo, que faz o mesmo com sua mão esquerda, abrindo um corte da base do dedo mínimo à base do polegar. Em seguida, os noivos unem suas mãos feridas acima de suas cabeças e cada um promete fidelidade ao outro:

– Terezinha, prenda minha, por meio da união de nosso sangue eu te prometo ser fiel para sempre! Que Deus nos ajude!

– Eduardo, meu marido, por meio da união de nosso sangue eu te prometo ser fiel para sempre! Que Deus nos ajude!

Pe. Aureliano murmura um "Amém" com uma expressão de horror no semblante e desmaia. Indiferentes ao escândalo, Eduardo e Terezinha atam os ferimentos um do outro com os panos brancos e vão até a mesa para comerem um apetitoso churrasco com arroz de carreteiro, feijão campeiro, matambre enrolado, mondongo, salada gaúcha e muitos outros pratos. Entre as bebidas, muito vinho e chimarrão. Como sobremesas, iguarias como

arroz de leite, ambrosia assada e banana gaúcha. E o acordeom volta a gemer. A união daquele casal tinha tudo para roubar a cena em meio aos eventos que transcorriam na história da dinastia Manzano.

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz" (Eclesiastes 3:1-8).

Capítulo II – Mais um amor proibido dentre tantos

Por aquele tempo, os Manzano ganhavam um vizinho no lado direito da estrada que terminava no Chineiro das Rosas. Moreno de cabelos castanho-escuros curtos e lisos, barba e bigode, 1,80 m de altura, nascido em Farroupilha em 25/08/1968, Luís Guilherme Cisterna Montes se estabelecera ainda adolescente numa vinícola em Bento Gonçalves, conquistara a confiança do proprietário da mesma e ganhara, além da mão da filha dele, uma porção de terra em Santana do Livramento, onde fundou a Vinícola Montes. Sua esposa, Carmem Almeida Bastos Montes, nascera em Bento Gonçalves em 30/04/1972. Morena de cabelos castanho-escuros longos e ondulados, olhos castanho-escuros, 1,64 m de altura, Carmem se casou com o vinicultor ainda adolescente. Ao contrário de José Bento, que andava sempre com pilchas típicas gaúchas e obrigava seus familiares a fazerem o mesmo, Luís Guilherme usava roupas modernas e liberava seus familiares para usarem as roupas que desejarem.

A partir de 1989, todo aquele que passasse pela Rodovia Maj. Cipriano León Manzano, mais conhecida como Estrada do Major, veria, alguns quilômetros antes dela terminar bem no Chineiro das Rosas, a

Estância Alazão Haragano no lado de montar e a Vinícola Montes no lado de laçar. E aquele ano foi bem marcante em ambas as propriedades rurais: Em 25/07/1989, nasceu Tiago Aires Manzano, segundo filho de José Bento e Maria Luíza; em 13/09/1989, foi a vez de Daniel Bastos Montes, primogênito de Luís Guilherme e Carmem.

Já na colônia dos trabalhadores da estância dos Manzano, a família de Eduardo e Terezinha começava a aumentar. Em 31/01/1990, a ex-china dava à luz Vera Galeano Lousada, uma linda guria que tinha os cabelos pretos da mãe e os olhos azuis do pai. No momento em que Vera estava para nascer, Eduardo estava na mangueira, bem no meio do aparte da gadaria para a vacina, curando bicheira na anca dum boi; Terezinha, sentindo fortes dores, não quis esperar por ajuda e, logo depois de limpar uma tesoura com algodão e álcool e colocar uma toalha recém-lavada no chão, ficou quase quinze minutos acocorada junto à parede, empurrando com as mãos a parte de cima da barriga e fazendo tanta força que até fezes saíram junto com a criança, que teve seu cordão umbilical cortado pela própria mãe com a tesoura. Assustados com a gritaria de Terezinha, os colonos saíram correndo atrás de Eduardo, que chegou esbaforido a casa e encontrou sua esposa dando a primeira mamada ao bebê, sentada no chão, encostada na parede e

com uma toalha cheia de fezes, sangue e líquido amniótico do lado, além de uma tesoura suja de sangue.

Os anos se passavam e os bebês continuavam nascendo. Inês Aires Manzano, a única filha mulher de José Bento e Maria Luíza, nasceu em 21/01/1993. E Júlia Bastos Montes, caçula de Luís Guilherme e Maria Luíza, veio ao mundo em 04/11/1993. Foi nesse ano que o velho Antônio Bento, durante uma relação sexual com Rosália, começou a sentir fortes dores na região genital; seu médico particular coletou uma amostra de sangue atrás dum tal PSA e, uma semana depois, o estancieiro, fechado em seu escritório com o médico, recebeu deste a notícia fatal:

– Infelizmente o resultado indica que o senhor está com câncer na próstata em estágio bem avançado. Para ter mais certeza da gravidade do tumor, terei que fazer-lhe um exame de toque.

– Toque? Que toque?

Mal explicou que toque deveria efetuar em Antônio Bento, o médico acabou sendo expulso da casa com uma garrucha apontada para sua cabeça. Mesmo insistindo em não ser operado (“Bah, nasci nesta estância e aqui quero morrer!”), o estancieiro percebeu, aos 57 anos de idade, que emagrecia demais e estava cada vez mais judiado. Só decidiu ficar acamado

quando precisou de ajuda para apear de seu cavalo rosilho, tamanha era sua fraqueza e a dor em seu ventre. Após uma longa conversa com seu advogado e com Rosália, no dia 14 de novembro de 1993, Antônio Bento, já preso a uma cama, assinou seu testamento na presença dos dois e os entregou a um tabelião, que leu o documento aos três, coletou as assinaturas e lacrou o documento dentro dum envelope a ser guardado dentro dum baú fechado a cadeado e cujas cópias de chaves ficariam com Rosália e com o advogado da família.

O estado de saúde de Antônio Bento piorava cada vez mais. Percebendo que logo enrolaria o poncho, o moribundo chamou José Bento para seu quarto por volta das 22:00 h do dia 14 de janeiro de 1994. Desde a morte do Maj. Cipriano, em 1896, somente o primeiro filho homem podia ver o patrão da estância morrer. Depois de tirar o chapéu, aproximando-se lentamente de seu pai, que a esta altura estava só pele e ossos, o moço estava com os olhos cheios d'água, mas foi logo repreendido pelo estancieiro:

– Prende esse choro, gaudério! Homem que é homem não chora!

Depois de enxugar os olhos e respirar fundo, José Bento se ajoelhou diante de seu progenitor e perguntou:

– O que o senhor quer comigo, meu pai?

– Luciana anda muito dura de boca, com umas idéias estranhas. Deve ter sido influenciada pelas feministas da cidade... Coooooooof, cof, cof... O marido dela é um pelego, faz tudo o que a prenda dele manda. Toma muito cuidado com eles... Cooooooooof, cof, cof...

– Quer que eu os expulse desta casa, meu pai?

– Não... Coooooooof, cof... É melhor ter o inimigo por perto do que desvencilhar-se dele na primeira oportunidade, pois aqueles dois parecem ser muito vivos... Cooooooooof, cof, cof... Apenas deixa bem claro quem manda nesta casa e tenta conviver com eles...

– E se eles tentarem acabar com nossas tradições? Não seria melhor mantê-los o mais longe possível de nós antes que eles arruínem quase 150 anos de história em poucas semanas, talvez até dias?

Segurando bem firme as mãos fortes e peludas de José Bento com suas mãos cadavéricas e manchadas, Antônio Bento encarou o filho e disse:

– Estamos vivendo outros tempos, meu filho. Eu e meus ancestrais mais próximos tentamos ao máximo manter nossas tradições intocáveis. Mas está cada vez mais difícil... Coooooooof, cof... São eletrodomésticos,

computadores, meios de comunicação cada vez mais avançados... Por mais que tentes, não conseguirás impedir por muito tempo que isso chegue até aqui... Coooooooof, cof... Meu avô não conseguiu impedir que instalassem na estância energia elétrica e água encanada... Meu pai também não pôde impedir a compra de fertilizantes, vacina e ração industrializada, pois o mercado está cada vez mais exigente... Cooooooooof, cof, cof... Eu também tive que instalar computadores para agilizar nossos negócios e já estão falando por aí duma tal Internet... Cooooooooof, cof... Se tua irmã e teu cunhado tentarem fazer algo mais para modernizar nossa estância, jura-me que não farás nada contra eles.

– Mas, pai...

– Jura-me por todos teus ancestrais e por Nossa Senhora Medianeira!

Tratava-se da padroeira do Rio Grande do Sul, que a família venera desde tempos imemoriais. Católico muito devoto, José Bento não vê escapatória:

– Juro, meu pai.

– Bagual... Coooooooof, cof... Não me de... cep... cio... nes...

"Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca, mas não falam; olhos têm, mas não vêem. Têm ouvidos, mas não ouvem; narizes têm, mas não cheiram. Têm mãos, mas não apalpam; pés têm, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta. A eles se tornem semelhantes os que os fazem, assim como todos os que neles confiam" (Salmo 115:4-8); *"Quando corta para si cedros, toma, também, o cipreste e o carvalho; assim escolhe dentre as árvores do bosque; planta um olmeiro, e a chuva o faz crescer. Então serve ao homem para queimar; e toma deles, e se aquenta, e os acende, e coze o pão; também faz um deus, e se prostra diante dele; também fabrica uma imagem de escultura, e ajoelha-se diante dela. Metade dele queima no fogo, com a outra metade prepara a carne para comer, assa-a e farta-se dela; também se aquenta, e diz: Ora já me aquentei, já vi o fogo. Então do resto faz um deus, uma imagem de escultura; ajoelha-se diante dela, e se inclina, e roga-lhe, e diz: Livra-me, porquanto tu és o meu deus. Nada sabem, nem entendem; porque tapou os olhos para que não vejam, e os seus corações para que não entendam. E nenhum deles cai em si, e já não têm conhecimento nem entendimento para dizer: Metade queimei no fogo, e cozi pão sobre as suas brasas, assei*